



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JAMIRA ROCHA DOS SANTOS

**CONTANDO HISTÓRIAS: TREINANDO O IMAGINÁRIO DE
CRIANÇAS DO MATERNAL I**

**Campina Grande – PB
2014**

JAMIRA ROCHA DOS SANTOS

**CONTANDO HISTÓRIAS: TREINANDO O IMAGINÁRIO
DE CRIANÇAS DO MATERNAL I**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a integralização curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

Campina Grande – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237c Santos, Jamira Rocha dos
Contando histórias [manuscrito] : treinando o imaginário de
crianças do maternal I / Jamira Rocha dos Santos. - 2014.
23 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Célia de Assis, Departamento
de Pedagogia".

1. Leitura 2. Contação de História 3. Literatura Infantil 3.
Desenvolvimento da Criança I. Título.

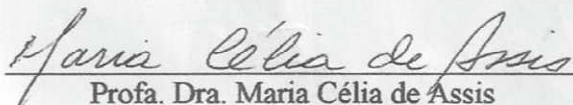
21. ed. CDD 372.4

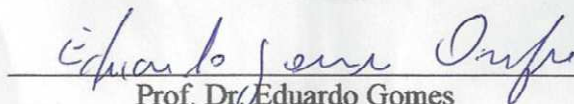
JAMIRA ROCHA DOS SANTOS

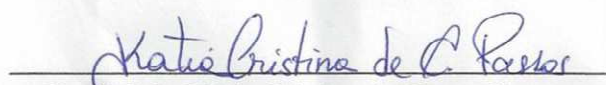
**CONTANDO HISTÓRIAS: TREINANDO O IMAGINÁRIO
DE CRIANÇAS DO MATRENAL I**

Aprovada em 30/10/2014

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Maria Célia de Assis
Orientadora - UEPB


Prof. Dr. Eduardo Gomes
Examinador - UEPB


Profª. Ms. Kátia Cristina de Castro Passos
Examinadora - UEPB

Campina Grande – PB
2014

Dedico

*À minha família, em especial minha mãe que me
incentivou e com sua determinação,
fez-me crer nesta conquista.*

Agradeço

A Deus por nunca ter me deixado desistir.

Aos meus amigos irmãos pela prestimosa ajuda.

Ao meu marido por orgulhar-se de mim.

Aos professores e professoras que passaram pela minha vida, fazendo-me crer num mundo de virtudes verdadeiras e alegrias sinceras e, em especial a minha orientadora professora Maria Célia de Assis.

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Contando histórias: treinando o imaginário de crianças do maternal I”, tem como objetivo despertar nos educadores o interesse pela literatura infantil, de modo a auxiliar as crianças a resolverem seus problemas sentimentais e sociais, bem como, desenvolver o gosto pela leitura. A nossa intenção com o referido tema, não se deu ao acaso, mas, por considerarmos que por meio de histórias, contadas e cantadas em sala de aula, as crianças podem aprender a conhecer e conviver melhor com os acontecimentos relacionados à sua idade, podem se relacionar melhor com os colegas, podem explorar sentimentos como: alegria, tristeza, medo, prazer, entre outros. Além do mais, por ser uma motivação para adentrar no mundo da leitura, colabora efetivamente no seu processo de alfabetização. No encalce desse objetivo caminhamos através da pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa ação, tendo como referencial Trivinos, 2008 e Thiollent, 1986. Para melhor desenvolvermos a nossa pesquisa buscamos nos fundamentar em estudiosos no assunto como, Aurora Ferreira 2007, Eliane Debus 2006, Elias José 2007, Fanny Abramovich 1996, entre outros, os quais nos fizeram compreender que nós professores, podemos estimular as crianças a aprenderem e apreenderem o conteúdo mediado através da contação de história. Enfim, a pesquisa nos proporcionou levar a criança a entender a leitura como forma instigante e prazerosa de ver o mundo, podendo então posicionar-se como um ser atuante e como sujeito de direitos e deveres.

Palavras chave: Contação de história. Literatura infantil. Desenvolvimento da criança.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
2 ASPECTOS TEÓRICOS.....	11
2.1 A Importância da Literatura Infantil no Espaço Escolar.....	13
2.2 Contando Histórias.....	16
3 METODOLOGIA.....	17
4 VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	18
4.1 Primeira semana: Apresentação do Livro.....	18
4.2 Segunda semana: Contação da História com a utilização de fantoches.....	18
4.3 Terceira semana: Depoimentos dos Pais e/ou Responsáveis.....	18
4.4 Quarta semana: Confeção de um Mural.....	20
4.5 Quinta semana: Dramatização relacionada à História.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

A leitura é a chave de conquistas pessoais e humanas. Muitos poderão nos ajudar a ler o mundo e ter acesso aos livros. Mas cabe a nós mesmos conquistar o nosso modo de ler o mundo e o livro.

Elias José

INTRODUÇÃO

Desde criança ouvimos histórias. Nossos pais contam como foram sua infância, nossos avós, como foi à infância de nossos pais e, juntos, nos contam como aconteceu quando nascemos começando assim a contar nossa própria história.

Quem nunca voltou das férias com novidades e convidado a contá-las numa redação? Quantas vezes ficamos ansiosas esperando o horário do recreio para contarmos aos colegas algumas aventuras que fizemos? Estes, e outros exemplos são histórias, verdadeiras ou ilusórias que gostamos de contar, simplesmente porque nos remete a algo vivido ou que desejamos viver, ou porque nos provoca satisfação e prazer.

As vivências e as experiências mudam à medida que crescemos, mas não as histórias, essas, aumentam. Trocamos o cenário, os personagens, mas o encantamento, o prazer, esses não mudam.

Sempre ouvimos histórias contadas pelos meus familiares, principalmente no período de férias, na casa da minha avó, não as esqueço. Quando começamos a estudar líamos muitos livros e, à medida que fazíamos as leituras íamos aos poucos identificando-nos com as histórias. Outras histórias guardadas na nossa memória são as contadas pelos professores, adorávamos aquele momento. Acreditamos que todas aquelas histórias ajudaram-nos a despertar a criticidade e o encantamento necessário, para absorvermos os ensinamentos e as mensagens.

Durante o período do curso de Pedagogia na disciplina Prática Pedagógica IV passamos por estágio numa escola particular um projeto de contação de história, com o objetivo principal de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura. O seu desenvolvido ocorreu num total de quinze dias.

Após refletirmos e analisarmos as ações desenvolvidas nesse projeto surgiu o nosso interesse para a elaboração do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, cujo **objetivo consiste em despertar nos educadores o interesse pela literatura infantil, de modo auxiliar as crianças a resolverem seus problemas sentimentais e sociais, bem como, desenvolver o gosto pela leitura.**

Portanto, a nós educadores cabe a função de desenvolver e motivar a leitura nas crianças, ainda àquelas pequenas com leituras não verbais, fazendo uso de vários recursos que podemos recorrer e então, deliciarmo-nos com os olhinhos atentos que sempre nos pedem

mais. Esperamos que o nosso trabalho possa contribuir de forma significativa na formação de novos educadores.

O nosso trabalho encontra-se esteirado por: Aspectos Teóricos, constando de: A importância da Literatura Infantil no espaço escolar e Contando história.

Metodologia, onde embasados em alguns autores estudiosos do assunto Literatura infantil esteiramos a maneira como conduzimos nossa pesquisa.

Análise e Interpretação dos Resultados, constando de: Apresentação do livro para as crianças (título e autores); Contação da história (pela professora); Reconto da história (pelas crianças); Desenho das partes do livro; Confeção do livro coletivo; Confeção de cartazes; Confeção do livro Coleção de histórias (criança e família); Pintura; Colagem; Confeção de dedoches; Os recursos didáticos utilizados: Giz de cera, tinta, cola carvão, papel crepom, laminado, EVA, palito de picolé e de churrasco, livros infantis, cartolina, fantoches, dedoches.

E, por último, as Considerações Finais, parte em que concluímos a pesquisa enfatizando os resultados bem como, nosso desejo de contribuição para outros novos educadores.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

A criança cria, recria e compreende o ambiente em que vive através das histórias que ouve. Ela sente os sentimentos dos personagens e, embora, com dificuldades na compreensão, devido à maturidade, consegue de alguma forma lidar com os problemas emocionais.

É sempre hora de contar e ouvir histórias. Algumas vezes os professores são solicitados pelas crianças para contar uma história, mas geralmente não o fazem. Esperam uma hora propícia, então caem no erro de contar histórias apenas com finalidades e propósitos. Nesse sentido, a história chega como calmante, isto é, depois de brincar no parque as crianças chegam à sala de aula, eufóricas, falantes, querendo contar tudo o que viram e, para se acalmarem, uma metodologia eficaz é a contação de histórias, assim, para ouvir as histórias elas ficam quietinhas. Ou ainda, usam as histórias para preencher o tempo vago, por exemplo, o momento em que as crianças esperam os pais, certamente, não escutará o final da história ou ficarão imaginando como terminou. Nesse caso, não proporcionou nenhum resultado, serviu apenas para manter as crianças sentadas enquanto os pais chegam.

No livro *Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil*, Eliane Debus defende,

Quando solicitadas pelas crianças, a hora da história pode ser nesse momento, pois devemos, afinal, respeitar e valorizar essas solicitações. Porém ao professor cabe a escolha de momentos privilegiados para a hora da história. Imagine contar uma história em que nem todas as crianças possam escutar o final, pois os pais podem pegá-las antes de a narrativa ser concluída, ou no momento do sono, em que algumas crianças poderão dormir (2006, p. 87).

Assim, a leitura deve ser feita no momento em que a criança solicitar, desde que seja o momento propício, sem esquecer que se faz necessário também criar um momento para tal atividade. Desta maneira, as crianças entram em contato com um mundo adorável de encantamento, de surpresas e de prazer.

No que se refere à formação e o desenvolvimento intelectual da criança, contar e ouvir histórias são de fundamental importância. Acerca disso, Abramovich declara,

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (1997, p.16).

Nesse contexto, as histórias contadas para as crianças tornam-se incentivo para uma leitura de mundo e, futuramente, uma leitura real das palavras escritas nos livros que terão contato.

Elias José em seu livro *Literatura Infantil* defende a ideia que o ato de ler, a prática de contar histórias é uma das formas de encantar a criança, é uma possibilidade de levá-las a um contato direto com a literatura infantil. O autor revela ainda que devido à atenção que recebera em sua infância em relação às leituras feitas para ele, conseguiu desenvolver a paixão pela literatura infantil, despertou o seu desejo de escrever. Diante disso, ao ter longo dos anos, alimentado o seu imaginário com a literatura infantil, tornou-se escritor. E continua,

Com carinho e com estímulos ao imaginário e com a valorização dos estudos, do crescimento intelectual e afetivo conseguiremos criar crianças mais felizes. [...] O imaginário, ligado à emoção e à afetividade, dá segurança e certeza de que não estamos criando uma geração de repetidores infelizes. [...] Acredito piamente que ao menino de rua de hoje, ao pequeno marginal que nos assalta e nos assusta, faltou uma história de vida diferente na infância, na fase de conhecer o mundo e de crescer. Faltaram bons relacionamentos e ambientes facilitadores do seu desenvolvimento (2007. p. 13).

Assim, cabe à família e à instituição onde a criança estuda o dever de educá-la, de forma a fazer com que ela seja capaz de enxergar a bondade, a solidariedade, o respeito ao outro e, não apenas, a violência que tem se mostrado cada dia mais presente no dia-a-dia da sociedade brasileira. Não queremos aqui defender a crença unicamente que os contos de fadas, farão as crianças acreditarem em mundo irreal, onde todos são felizes. Mas, ajudá-las a encarar a verdade das coisas de uma maneira diferente. É impossível uma criança que consegue de alguma forma resolver seus problemas, que consegue lidar com as suas emoções, que é amada e respeitada, mostrar-se agressiva no momento em que precisa defender-se. Ao contrário, demonstrará que com respeito e solidariedade os problemas são resolvidos a contento. Então, essas crianças, não serão vistas em semáforos amedrontando as pessoas que passam por ali, ou muito menos, estarão maltratando seu corpo ou permitindo que outras pessoas o façam.

Na nossa compreensão a literatura infantil é uma relevante e significativa forma de possibilitar a criança a absorver os acontecimentos que se passam ao seu redor, embora sem muita compreensão. Porém, é através da contação de história, que ela associará as histórias dos personagens com a sua, com o que vive no seu dia-a-dia seja, em casa, na escola ou em sociedade. Desse modo,

Observa-se que a maioria das crianças só entra em contato com livros no período da alfabetização, uma vez que os adultos costumam fazer recomendações para que a criança não amasse, não dobre, não suje o livro. Isso faz com que a criança veja o livro como algo em que não se pode mexer, algo intocável. (FERREIRA, 2007, p.15)

Nesse sentido, o livro passa a ser um meio de descoberta num mundo proibido, só se pode olhar de longe, sem manuseá-lo. Ou seja, quando é permitida a criança o uso do livro, sempre há uma finalidade, uma imposição. Considerando que a criança lê pelo desejo da descoberta, a imposição, impede o prazer, impede a criação de um hábito de leitura.

Para tanto, cabe a nós enquanto educadoras e educadores, a importante função de possibilitar às crianças momentos felizes, de prazer e encantamento, daí concordarmos plenamente com Elias José, ao dizer que devemos estar atentos, pois se o nosso objetivo é realmente formar pessoas felizes e aptas a vencerem na vida,

o livro infantil, que é oferecido para a criança ler, ou é lido para ela, caso não esteja alfabetizada ainda, é um brinquedo capaz de despertar o interesse pelas coisas sensíveis, criativas, inteligentes e belas. Através das histórias fictícias e da poesia, fazemos uma viagem de sonho e puro encantamento. Aprendemos sem traumas, a lidar com os problemas diários. Crianças e jovens que não tiveram o seu imaginário desenvolvido, aquecido pela leitura literária, pela dramatização, pelo poder de encantamento da música e das artes plásticas, serão adultos pessimistas, endurecidos, incapazes de sorrir e de ser feliz. (2007, p.29)

Nesse contexto, consideramos que formar sujeitos felizes faz parte da missão dos educadores. Para isto, o primeiro compromisso é o de corrigirmos algumas posturas, assumidas, por comodidade ou por serem trabalhosas.

2.1 A Importância da Literatura Infantil no Espaço Escolar

Ao observarmos o planejamento elaborado por alguns educadores, infelizmente, nos deparamos com o lugar insignificante que a literatura, sobretudo a infantil, ocupa neste importante espaço didático escolar.

Considerando que o planejamento, é uma organização do ensino a ser desenvolvidos através de temáticas significativas, objetos de desejos e de conhecimentos dos educadores e dos alunos (XAVIER, 2000), o dia da criança na escola deveria ser planejado contemplando diferentes atividades prazerosas e educativas, sem perder de vista sua formação integral. Por conseguinte, há o horário para a criança brincar, com brinquedos da escola ou pessoais, de forma individual ou em grupo, horário para a criança estudar os conteúdos programados, informática, inglês, entre outros, horário para a criança alimentar-se, horário para atividades físicas, como natação, vôlei, karatê, e, para a criança acalmar-se, antes que seu dia na escola

termine horário para leitura livre. Dessa maneira, a criança escolhe um livro, geralmente pela capa que lhe chame a atenção e passa a folheá-lo, a lê-lo de maneira prazerosa e livre de qualquer impedimento ou obrigação.

Ao contrário, ou melhor, quando não há o devido planejamento, como saber se a criança está absorvendo algo daquela leitura, uma vez que o livro lhe é permitido num momento em que já está cansado, esgotado e seu único desejo é ir para casa? Os educadores devem promover momentos de leitura na escola, quer seja na biblioteca ou na própria sala de aula, nos chamados “Cantinho da leitura”. Quando este, claro, funciona com o real motivo de ser criado. Um lugar aconchegante. Com leituras ideais para cada faixa etária, com leituras capazes de despertar seu real interesse, de fazer sentir prazer e entender o enredo, e a trama daquela história.

Num mundo globalizado e informatizado como o nosso, em que as informações são absorvidas numa grande velocidade, pelos meios de comunicações em especial a televisão e a internet, infelizmente, a maioria das pessoas prefere ouvir ou ler qualquer tipo de notícia, desde que já venha pronta, esmiuçada, sem criatividade, a ter que fazer uma boa leitura, de preferência, por meio do livro e, por si só, de acordo com as suas experiências, opinar e dialogar com a informação recebida e não digeri-la da maneira que lhe é transmitida.

É urgente a necessidade de por um fim a este e outros tipos de práticas. Entre outras, uma prática bem comum a da leitura apenas quando implica numa necessidade. Por exemplo, há estudantes que leem apenas em época de provas, testes ou exames escolares, ou ainda, na apresentação de seminários, trabalhos de conclusão de curso, porém, com o interesse apenas voltado para um determinado fim, obter uma nota, um número final, que medirá seu desempenho. A nossa compreensão a este respeito é que o aluno não tem por hábito, ler por prazer, ler para formar sua própria opinião, ler para diferenciar-se daqueles que preferem acreditar em credíes, em informações como verdades absolutas.

Apesar de reconhecer e respeitar a sabedoria popular como fonte rica de investigação e criação de cultura, não podemos aceitar que no espaço escolar as credíes deem lugar ao que é verdadeiro, ao que é científico, por isso, corroboramos com Coelho ao comentar que,

[...] a escola é, hoje, *o espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente [...] (2000, p. 16).

É isto que defendemos um espaço desafiador e ao mesmo tempo, prazeroso, um espaço onde se tenha consciência de sua realidade e da realidade de mundo, um espaço em que os alunos sejam estimulados a leitura refletida e compreendida, pois assim sendo, o que é apreendido e compreendido por aqueles que estão em processo de formação perdurará como característica pessoal do seu ser em desenvolvimento, levando-o a conhecer a si próprio bem como as características da sociedade em que vive.

Retomando a nossa reflexão acerca da literatura infantil, há uma questão que nos inquieta, o objetivo de ensino da literatura infantil, é o de instruir ou de divertir? A realidade é que a literatura é uma arte e, nela podem estar presentes ambos os objetivos, seja divertir, seja ensinar. A tendência predominante da época é que determinará a “função” da literatura (COELHO, 2000). No sentido de considerar a literatura infantil como artística ou educativa, são muitas as discussões, estudos e opiniões, para uns, uma prevalece sobre a outra, para outros, ambas caminham juntas.

Em relação aos contos de fadas, as crianças que os escuta ou já leem, identificam-se com os personagens de acordo com a personalidade, o físico e a função de cada um na história. Aqueles que são fortes, belos ou ainda tem um dom especial, passam por conflitos, dores, constrangimentos, em fim, mas no final da história conseguem vencer todo o mal e, uma vez que a criança espelha-se nestes, ela também resolve seus conflitos emocionais, os quais lhe são difíceis de compreender devida sua imaturidade.

Acerca desse assunto, o autor discorre,

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua *bondade* e *beleza*, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Identificada com os heróis e as heroínas do mundo do maravilhoso, a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação – superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente à sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (2000, p. 55).

A leitura e compreensão dessa história fazem-se necessário as crianças, uma vez que, não se limita apenas a personificar e atribuir características agradáveis ao “bem”, mas, de igual modo o faz também com o “mal”, atribuindo-lhe força, astúcia, inteligência, etc., virtudes admiráveis, mas por serem malvados, são derrotados pelo o bem. Cabe à criança escolher qual é a característica que mais lhe agradará, podendo ainda com o final de cada história confirmar que, apesar da dor, do medo e dos riscos que se corre, sempre existe esperança explícita em um final feliz. Dessa maneira, os conflitos que surgirem será mais fácil de serem resolvidos, tendo em vista que nem sempre, as crianças conseguem expressá-los.

2.2 Contando Histórias

Para que uma contação de história se torne atraente e significativa ao público ouvinte, à criança, é necessária que haja antes uma compreensão daquilo que é contado. E não menos importante, quem conte e quem ouça se deleite, viajando na história.

Acerca disso, Debus diz,

Tanto o ato de ler como o de contar requer do professor um conhecimento prévio do texto e um planejamento que conquiste o leitor para o momento de troca entre o narrar e o ouvir. Essa atividade exige determinado número de estratégias que viabilizem a cumplicidade entre o narrador e o leitor-ouvinte. O professor deve estar sensibilizado para sensibilizar, seduzido para seduzir, daí que a escolha da história a ser narrada tem de apaixonar primeiramente o narrador... A escolha do texto a ser narrado ou lido não deve obedecer a uma visão utilitarista, moralista, em que fique explícita a moral da história ou a sua “mensagem”. (2006, p.76)

Daí a relevância do conhecimento da história pela contadora ou contador, desse modo é possível, apoderar-se dela, reconhecer a intensão de cada palavra, cada vírgula, cada ponto, impedir a perda de fatos importantes durante a contação, bem como, que se torne enfadonha. Ao contrário, a contação deve ser vivida com um ato de prazer.

E, para realização da leitura, vários recursos podem ser utilizados, como exemplos, usar o livro fazendo a leitura do mesmo; usar a lousa ao mesmo tempo em que a história está sendo contada, inclusive com desenhos; caixa da surpresa, à medida que se retira os objetos da caixa, a história vai acontecendo; avental, contando a história a partir dos personagens que serão fixados no avental; fantoches e dedoches, dando vida e voz aos personagens; dobradura, utilizando papéis dobrados em formato de animais, objetos, etc.; caracterização, o contador ou contadora veste-se como o personagem e utiliza os mesmos objetos contados na história e ainda, o DVD que conta histórias animadas.

Portanto, basta querer, ter a vontade de fazer, para motivar as crianças a ouvir, ler e participar de uma boa história. Alguns educadores culpam a falta de estrutura, falta de biblioteca enfim, a falta de livros, porém, deixam de reconhecer o vasto material disponível que possuem. Não podemos deixar de reconhecer a relevância da biblioteca, mas não adianta dispor de uma enorme e diversificada biblioteca, sem a disposição e o comprometimento para encantar os leitores e ouvintes, sem fazer com que haja encantamento e prazer na voz. Isto já faz a diferença.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançar o que propomos na pesquisa, isto é, despertar na criança o gosto pela leitura, bem como a incentivando, torna-se imprescindível neste percurso, um método de estudo, visto que, através dele é possível cientificamente a obtenção dos dados e os procedimentos de análise dos mesmos.

Nesse sentido, consideramos a sua importância, pois em uma pesquisa, “o ser humano se distingue não só pela sua maneira de agir, mas também pela sua maneira de pensar sobre o que faz e por interpretar as suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada” (ASSIS, 2014).

Para tanto, nos apoiamos na pesquisa qualitativa descritiva, uma vez que “pretende descrever com exatidão os fatos e os fenômenos de determinada realidade” (TRIVINOS, 2008, p. 110), seguindo as orientações da pesquisa-ação, pela possibilidade que ela nos oferece em que “produzindo ideias que antecipem o real ou que delineiem um ideal” (THIOLLENT, 1986, p.75).

Segundo Thiollent, a pesquisa-ação,

É um tipo de pesquisa social, com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com solução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (1986, p.14).

Desde logo, é um tipo de pesquisa, que atende claramente aos critérios da pesquisa acadêmica e, em especial, ao proporcionar a participação dos pesquisadores dentro das instituições, no sentido de encontrar alternativas aos problemas existentes. Assim sendo, parece estar de acordo com o pensamento de Elliott (1993, p. 69): “o estudo de uma situação social com vistas a melhorar a qualidade da ação dentro dela”.

Nesse contexto, desenvolvemos a pesquisa, em uma escola privada, localizada no município de Campina Grande-PB, durante 05 semanas. Neste período, realizamos uma vivência com a contação de história, em uma turma do maternal I, com crianças com idade entre 1 ano e 11 meses a 2 anos e 7 meses.

Desta forma, a nossa investigação se caracteriza por uma metodologia qualitativa, numa abordagem pesquisa-ação.

Apesar de sucinta a referida descrição, deixamos claro que durante a nossa caminhada metodológica procuramos seguir as exigências da referida pesquisa-ação.

4 VIVENCIANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Iniciamos o nosso trabalho, a partir da escolha do livro a ser trabalhado com a turma. Entre vários autores infantis e várias obras belíssimas e interessantes, decidimos pela obra *Dia e Noite*, dos autores, Mary e Eliardo França 2000. Escolhemos este livro principalmente pela história, isto é, uma história capaz de fazer que as crianças ao ouvi-la sintam interesse e prazer. Por conseguinte, a contação desta história nos acompanhou desde o início até a culminância do nosso trabalho.

Desenvolvemos a pesquisa da seguinte maneira:

4.1 Primeira semana: Apresentação do Livro.

Nesta semana apresentamos o livro para as crianças. Tirando-o de uma caixa, denominada de caixa da surpresa, mostramos o livro, contamos a história e as crianças demonstraram surpresa com a história e adoraram as ilustrações do livro. E, aqueles que desejaram, recontaram para os colegas. Após, esta etapa, levamos-las para uma área aberta da escola, em seguida pedimos para observar e descrever o que viam no céu, inclusive chamava atenção para perceberem se havia sol, lua, nuvens e estrelas.

A vista disso, as crianças apresentaram diferentes opiniões, entre elas, que não viam a lua, porque era dia, e a lua só aparece durante a noite. Aproveitamos as opiniões com uma conversa informal acerca do dia e da noite. E, como a personagem da história gostava de brincar durante o dia, desenvolvemos algumas brincadeiras relacionando-as a personagem, para esse momento.

4.2 Segunda semana: Contação da História com utilização de fantoches.

Nesta, continuamos com a história, porém com a utilização de fantoches, dedoches e teatro de palitos, essas “formas animadas ilustram a narrativa e muitas vezes podem ser as protagonistas, assumindo o papel de contador da história.” (DEBUS, 2006, p. 81). As crianças deliciaram-se e divertiram-se muito com o uso desses recursos, em especial, adoraram recontar usando os mesmos. Confeccionamos palitos com a personagem (feita de EVA) e as crianças puderam levar para casa e contar a história para os pais.

4.3 Terceira semana: Depoimentos dos Pais e/ou Responsáveis.

Na terceira semana, nos deparamos com os depoimentos de pais, mães e responsáveis, os quais relatavam que, diante do entusiasmo e encantamento das crianças pelo personagem de uma história ouvida em sala de aula gostariam de conhecer melhor a história. Isto posto,

reconstruímos o planejamento, dessa vez, em parceria com os pais, a partir das seguintes atividades.

As crianças escolhiam um livro, a partir das opções previamente escolhidas por nós, levavam o livro para casa onde, juntamente com um responsável por ela, liam e numa folha de papel criavam uma arte referente ao que leram. Para isso, usavam os mais variados materiais que encontravam, seja tinta, papel, areia, folhas entre outros. A escolha do material utilizado era por conta de cada criança e da pessoa que a ajudara a desenvolver a atividade, sendo os pais ou quem ficava com a mesma. Essa ação é muito importante, pois “a presença do adulto é fundamental quanto à sua orientação para a brincadeira com o livro [...]. Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo.” Ao retornarem a escola, especificamente na sala de aula devolviam a folha com os desenhos, contavam então a história retratada nos desenhos. Para nós foi gratificante, a alegria das crianças ao apresentar os seus desenhos, embora implicitamente, o significado daqueles desenhos para eles. Igualmente, a alegria e o orgulho dos pais, pela participação e cumprimento do planejamento diante dos resultados alcançados.

Ainda nesta semana, trabalhamos com gravuras, retratando crianças brincando, alimentando-se, estudando, dormindo entre outros. Esta atividade tem com finalidade, motivar a criança a descrever o que via, relacionando a sua realidade, ou seja, as suas brincadeiras, a sua forma de estudar, se alimentar, entre outros. As respostas são as mais variadas e surpreendentes, retratavam horários diferentes, criando seus próprios horários. Dessa maneira, retrataram que dormiam durante o dia, trabalhavam a noite, comiam quando acordavam, tomavam banho na escola, brincavam no parque quando fazia sol, passeavam com a mãe ou o pai para ver a lua, estudavam quando estava sol, entre outras. Ao mesmo tempo, comentávamos as respostas delas, dizendo o que nós fazíamos também e o horário. A maioria das crianças acabava mudando de ideia e concordando com os nossos horários, dizendo que também dormiam a noite ou estudavam e brincavam durante o dia, assim como nós. Propomos então, que as crianças fizessem uma pintura retratando alguma situação do seu dia ou noite. As crianças desenvolveram a atividade e nós colocamos a legenda do que ela desenhou, sendo que a criança após mudar algumas vezes de opinião decidia-se por uma única resposta, então, escrevíamos. Estas atividades foram guardadas para serem expostas no dia da Culminância da pesquisa.

4.4 Quarta semana: Confeção de um Mural.

Juntamente com as crianças confeccionamos um enorme mural com um desenho referente ao livro que estávamos trabalhando. As crianças fizeram toda a parte relacionada à pintura e a colagem. Ao mesmo tempo, na medida em que conversávamos sobre a história, ela ia ganhando vida a cada parte decorada no mural. Em seguida, expomos o cartaz e, no momento em que os pais de alunos ou demais profissionais da Escola e ainda outros alunos adentrava a sala de aula, as crianças mostravam o mural e contavam a história. Continuamos as nossas atividades com a contação de história da nossa obra *Dia e noite*, dos autores já mencionados. Trabalhamos com gravuras referentes ao dia e a noite, as quais tinham a lua, o sol, estrelas, figuras com claridade e outras escuras. Após a realização da atividade, as crianças fizeram a exposição desta, colando no mural da sala de aula.

4.5 Quinta semana: Dramatização relacionada à História.

Na quinta semana, continuamos com a contação de histórias, contudo, dessa vez, a escolha da história foi feita pelas as crianças. Para tanto, a cada dia as histórias são contadas em locais diferentes da sala de aula, como o pátio e o dormitório, pois, para se contar uma boa história é necessário apenas “que existam aquele que conte e aquele que ouça.” (DEBUS, 2006, p. 84). Realizamos a contação da seguinte maneira: conforme contávamos as histórias às crianças recontavam-na.

Sendo esta a quinta e última semana da nossa pesquisa-ação, organizamos uma dramatização relacionada à história “*Dia e Noite*”, oportunidade em que as crianças se apresentaram como atores e atrizes aos seus pais, professores, e diretores. Na ocasião, expusemos no mural coletivo, os desenhos das crianças em folhas avulsas feitos na terceira semana do Projeto e o livro coletivo confeccionado com as histórias trabalhadas pelas crianças em suas casas, juntamente com seus pais, ou responsáveis.

Vale ressaltarmos o quão foi significativa e prazerosa para nós, a realização desse trabalho, principalmente, quando ouvimos dos pais, ou responsáveis o reconhecimento da importância à atenção, carinho e dedicação aos seus filhos e o comprometimento em dar continuidade ao nosso objetivo, ou seja, a contação de histórias.

Desejamos ressaltar que, embora tenhamos desenvolvido ao longo da pesquisa, algumas atividades em folhas de papel, onde às crianças pintaram, desenharam, fizeram colagem referente à história, ora trabalhada em sala de aula, defendemos a história prazerosa, livre, sem uma finalidade explícita, pois, “é preciso ler: pelo prazer, pelo saber e para obter poder.” (JOSÉ, 2007, p. 18). Claro que reconhecemos a importância de atividades gráficas,

porém a sua inserção na nossa pesquisa deve-se ao cumprimento do cronograma da escola, inclusive justificando que as atividades em folhas de papel desenvolve a coordenação motora da criança.

Acreditamos que o nosso trabalho contribuiu significativamente com as crianças, no sentido de despertar cada vez mais, o seu interesse, o seu encantamento e o seu prazer pela história infantil. Desse modo, esperamos ter alcançado o nosso objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolvermos a contação de história na Educação Infantil, percebemos o poderoso material que dispomos, para de alguma forma contribuir significativamente, no desenvolvimento social e intelectual da criança durante a infância e, certamente na vida adulta.

Nós professores, não podemos deixar de considerar a importância que tem o estimular as crianças a aprenderem e apreenderem o conteúdo mediado em sala de aula através da contação de história. Pois, por meio da história, a criança passa a interagir com seus pares em sala de aula, com os demais que fazem parte da escola e, certamente, no meio familiar. Além disso, consegue compreender melhor a sua realidade, consegue explorar sentimentos como: alegria, tristeza, medo, prazer, entre outros. Dessa maneira a contação de história pode ser vista também, como uma metodologia de ensino participativa e criativa.

No entanto, para que a contação de história, proporcione momentos de interação e prazer, a professora ou professor deve estar atento ao pedido das crianças. É muito importante também, planejar para que a contação aconteça, desde o preparar do ambiente, a escolha da história a ser contada, bem como, os recursos usados, seja o livro, fantoches, dedoches, teatro de palito de churrasco, entre outros, bem como as ações a serem priorizadas no momento da contação.

Tudo isto, nos levou a proporcionar as crianças participantes da pesquisa, um entendimento da história, de forma instigante e prazerosa, de perceber o mundo em que se encontram inseridas, igualmente, se posicionando como um ser atuante e, como sujeito de direitos e deveres.

Este olhar não é visto por nós, apenas com as crianças durante o desenvolvimento da pesquisa na escola, mas, pelos depoimentos dos pais e responsáveis, principalmente em dar continuidade ao nosso trabalho, isto é, a contação de histórias em seus lares.

Portanto, diante do exposto, desejamos que a nossa pesquisa possa de fato, contribuir com educadoras e educadores, no sentido de despertá-los sobre a relevância da contação de histórias a crianças durante a educação infantil, haja vista, o interesse das mesmas por se tratar de um momento lúdico de prazer e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ASSIS, Maria Célia de. **Violência na escola: compreensão de um fenômeno social em João Pessoa-Paraíba-Brasil**. 2004. 263f. Tese de Doutorado em Sociologia. IRSA- Institut de Recherche Sociologique et Antropologique. CRI- Centre de Recherche sur L'Imaginaire. Université Paul Valéry. Montpellier III- França, 2014.

DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulos, 2006.

ELLIOTT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción**. Madrid: Morata, 1993.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com Arte e ensinar brincando: para Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

FRANÇA, Mary. **Dia e noite**. São Paulo: Ática, 2000.

JOSÉ, Elias. **Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Atlas, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

XAVIER, Maria Luisa M. **Introduzindo a questão do planejamento: globalização, interdisciplinariedade e integração curricular**. In: XAVIER, Maria Luisa M.; ZEN, Maria Isabel H. Dalla. (Orgs.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto alegre: Mediação, 2000.